





Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Getty Research Institute

<https://archive.org/details/queixasdeamarome00perd>



QUEIXAS DE AMARO MENDES GAVETA,

Estudante na Universidade de Coimbra, contra pulgas, percevejos,
besta de-jornada, arrifeiro, estalaja deiros, lograntes, amas,
moço, lavandeiras, ruas, falta de divertimentos &c.

ESCRITAS

EM OITAVAS PORTUGUEZAS,
E DEDICADAS

AOS NOBILISSIMOS, E PRECLARISSIMOS PAYS
dos Senhores Estudantes Conimbricenses, para que vindo no conhe-
cimento dos muitos trabalhos, que seus estudos filhos pade-
cem nas jornadas, e Universidade, se dignem de lhes
acrescentar as mezedas

POR

DOMINGOS GONCALES PERDIGOTO,
Visinho do mesmo Amaro Mendes Gaveta, e assistente
debaixo dos seus quartos.

AOS NOBILISSIMOS,
Preclarissimos, e Munificentissi-
mos Pays dos Senhores Estu-
dantes Conimbricenses

SONETO DEDICATORIO.

AVossos nobres pés, Senhores, vaõ
Estas queixas ; mas he de advertir,
Que se a vossos pés vaõ, he para vir
Tambem alguma cousa á minha mao.
Conheço, que será pouca attenção
Offerecer-vos tanto, que sentir ;
Porém naõ me convem perdaõ pedir ;
Pois sou, dos que naõ gostaõ de perdaõ.

Affim que, se entender-des, que eu que sou
Culpado, e a vingança pertendeis,
Tomay-a pelo meyo, que vos dou.

Em Coimbra minhas obras achareis,
Queimay-as, que eu por este damno estou,
Com tanto que primeiro mas pagueis.

De seu interessado servo

Domingos Gonçales Perdigoto.

LEITOR

SONETO

Passou-me pela rua hum estrangeiro
Com huma arca , gritando : *Totil mundo :*
Pensando eu ser objecto mais jucundo ,
Fuy a ver ; mas porém paguey primeiro.

Mostrou-me o maganam por hum luzeiro
Quatro painéis de angustias lá no fundo ,
E hum baile de bonecos , que , segundo
Lhe fio , me naõ leve o meu dinheiro.

Comecey a ralhar , como enfadado ;
Mas o magano teve taes poderes ,
Que me estendeo hum pão pelo costado :

Naõ sou assim , Leitor : se tu me deres
Os teus par de vintens , como homem honrado ,
Ralha , e torna a ralhar , quanto quizeres.

Vale.

QUEI-

QUEIXAS
DE
AMARO MENDES GAVETA,
ESTUDANTE
Na Universidade de Coimbra.

I.

Doitou-se Amaro Mendes com desejo
De descansar do muito, que estudava;
Mas apertando a pulga, e percevejo,
O pobre de enfadado se arranhava:
Sentia cada baba, como hum queijo,
Até que, por fugir da casta brava,
Deo a baixo da cama hum salto forte,
E passeando, se queixa desta sorte.

PSaõ tantos os trabalhos nestes annos,
Que o coitado estudante em Coimbra colla
Que bem posso afirmar, que só máganos
Aturaõ similhante corriola:
Se, para descansar de seus insanos
Trabalhos, no lançol homem se enrola,
Saltando-lhe no corpo esta canalha;
Cada picada he golpe de navalha.

III.

Tres noites sem dormir tenho passado;
Pois taes golpes me dam estas danadas,
Que nem touro na praça agarrochado
Leva mais penetrantes zagunchadas:
O corpo sempre sahe todo pintado
Com babas, mordeduras, e picadas,
E naõ só pelo corpo alcança a piza;
Porque eu tenho sarampo na camiza.

IV.

E se a pulga por farta nos consente
Huma noite; em luzindo algum luzeiro,
Já nos manda saltar do ninho quente
A atroz barbaridade de hum sineiro.

Levanta-

Levanta-se o Christaõ batendo o dente
Com mais força, que os malhos de hum ferreiro,
Tam leve, que eu já fuy com estas preças
Sem cabeçaõ, e as meyas das avéças.

E supposto que o Ceo chova abundante

Inundaçõens de chuva crystallina,

Corre á escrita o misero estudante,

Como os soldados correm á fachina,

Huma manhaã, em que houve agoa bastante,

Depois que dey de casco em huma esquina,

Indo a correr com medo da janella,

Quebrey na porta ferrea huma canella.

V.

Pois nas jornadas, que se naõ padece,

Dá hum pobre estudante o seu ditiheiro,

E vem num macho, que se lhe parece,

Estende a carga dentro em hum lameiro,

A primeira jornada (naõ me elquece)

Vim montado na peste de hum sindeiro,

Que ondequerque, sentia mayor lama,

Mesmo ahi me fazia logo a catia.

VII.

E se he máo o rocim, se he máo o macho,

He peor o arrieiro (oh baixa gente !)

Que, se hum homem cahio, já o borrhacho

Salta nessas estradas de contente :

Quasi sempre anda cheyo, como hum cacho ;

Mas naõ obstante, que vénha bem quente,

Em sentindo a taverna no caminho,

Já começa a gritar, que vénha vinho.

VIII.

E dali taõ audaz, como costuma,

Taes pulhas nos encaixa nessa estrada,

Que ás vezes vem tres legoas dizendo huma,

E no fim naõ estáinda acabada.

Sempre ha de dar tal volta, que se suma

A' noite, quando vamos á pauzada;

Gritamos por Joaõ, Joaõ por brio

Deixa gritar seu amo a esse frio.

IX.

Pois na estalajem , primeiro que entremos
 No quarto , o que se passão de demoras
 E nosso amo a dizer-nos , que esperemos ,
 Que vay logo , e o seu logo saõ tres horas :
 E depois vem a cêa , que comemos
 Mais crua , que as corrêas das esporas ;
 Desorte , que mil vezes nos succede
 Puxar de dente , e o casco ir á parede.

Na cama , que nos daõ , por vida minha ,
 Que naõ sey , como ha , quem dormir possa ;
 Porque he magro o colchaõ , como sardinha ,
 Os lançoes saõ de cor de çaragoça :
 Depois he necessaria huma mezinha ,
 A quem se quer livrar de alguma coça ;
 Porque sempre lhe daõ os lançoes finos ,
 Ou camada de farna , ou de ladrinos.

Vamos a fazer contas no outro dia ,
 E apenas diz nosso amo : *bem lhe preste* ,
 Salta nas bolsas huma epidemia ,
 Entra pelos dinheiros huma peste :
 Oh boca dezestrada , oh boca impia ,
 Que palavra taõ barbara disseste !
 Antes quarenta pulhas de arrieiro ,
 Que hum *bem lhe preste* de estalajadeiro .

É que direy do pó em tempo quente ?
 Que perturba ainda mais a luz do dia ,
 Que o fumo de huma não , que de repente
 Na guerra disparou a artelharia :
 Naõ se vê huma á outra a triste gente ;
 Pois tanto pó nos olhos se lhe entia ,
 Que estou certamente suspeitofo ,
 Que do pó me nascéo ser remelozo .

Einda hoje se vejo algum reméla ,
 E sey , que elle naõ bebe muito vinho ,
 Logo me vem a mão dizer , que aquella é o cum
 Doença he da poeira do caminho :

Daquelle, que tem só huma janella,
Tambem digo, que o pobre coitadinho
Recebeo pó na vista em tanto extremo,
Que Coçles se chamou, ou Poliphemo.

XIV.

Se em alguma jornada as sobrancelhas
O rijo pó na estrada não pastaráo,
He, porque, dando a chuva nas orelhas
Das bestas, he hum ~~ro~~, com que ellas paraõ:
E se a espóra lhe toca nas gadelhas,
Recuaõ, e del couce se préparaõ
Tanto, que eu huma vez fuy despedido,
Ficar sobre hum calhão bem estendido.

XV.

Quantas vezes a gente pela estrada,
Por divertir seus males vay cantando,
E descambando de agoa huma pancada,
De pancada se calla todo o bando,
E, se vem com a chuva trovoada,
Huns puxão do Rosario, e vaõ rezando,
Outros gritaõ com medo, outros se finaõ,
E geralmente todos se amofinaõ.

XVI.

Tambem he nas jornadas huma peste
Vir com huns companheiros atrevidos,
Que costumaõ chamar ao povo agreste,
Sem graça, nem razão vís appellidos;
Pois por culpa dos mãos a gente investe,
Os que estáo de maldades exemidos;
Eu o fey; pois sem culpa no espinhaço
Estouro mamey já, como bagaço.

XVII.

E naquellas jornadas de novato,
Que não soffre o estudante no caminho?
Delle fazendo vaõ gato çapato,
E pregando-lhe sempre no fochinho:
Eu confesso, que disle mal do trato;
Porque álem de pagar comer, e vinho
Pedindo depois contas do dinheiro;
O murro, e cachaçaõ era hum chuveiro.

XVIII.

XVIII.

Isto he regularmente , o que acontece
Na estrada , a quem procura estes estudos ,
Que contar , o que o misero padece
Na Cidade , saõ canas com canudos :
Naõ soffre mais ; segundo me parece ,
Hum captivo entre Mouros carrancudos ,
Do que hum pobre estudante desterrado
Com lograntes , com ama , e com criado .

XIX.

Muitas vezes synceramente figo xisq sb susam (A)
Hum , de quem singular conceito faço , e sh on mult
E quando cuido , que he meu grande amigo ,
Elle prega-me hum opio de cachaço :
Ou me dá hum calote por castigo ,
Ou numa abafaçao arma tal laço ,
Que quando a gente menos o imagina ,
Tudo lhe vay ardendo por tolina .

XX.

Lá se queixa , que tem huma jornada ,
E que preciso lhe he para fazê-la ,
Prestada por hum dia a nossa espada ,
E em sahindo de caza vay vendê-la :
Livro , que elle pedio , tomou a estrada
Desorte , que naõ torna a voltar della :
Diga-o aquelle meu vocabulario ,
Que tambem morapou hum salafario .

XXI.

Pede o chapeo a hum , ea outro incita ,
Que lho compre , que o vende accommodado ;
Porém que do dinheiro necessita ,
E que o chapeo tres dias quer prestado :
Vay marchando com tudo , e excogita
Outro , e outro , a quem deixe assim cangado ;
De maneira que ás vezes dá taes artes ,
Que vende o seu chapeo em vinte partes .

XXII.

Eisaqui as lesaens , com que hum tratante
A' custa de hum syncero se sustenta ,
E deste modo ao pobre do estudante
Se de húma parte chove , de outra venta :

A ama , que sempre tem hum ar de unhante ,
Com o alheyõ jantar o seu aumenta .
Porém he no furtar tão moderada
Que só furtar metade , e nem mais nada .

XXIII.

Porque huma o paõ das topas me furtava ,
Para caza mandey vir a panella .
Mas cuidando esta hum dia , que mandava .
A sua , me mandou trazer a detta :
E indo o moço a partin , no fundo achava .
(A' maneira de peixe por fedella .)
Num fio de barbante pendurados ,
De vaca , e de toucinho onze bocados .

XXIV.

Que he isto ? Senhoramo , (grita o moço .)
Pegado numa ponta da cambada .
He , que comemos carne hõie sem ossos ,
(Lhe disle eu) e nosta ama roe a ossada :
Daqui julguey , que a cayne era do nosso .
Jantar , e de outros muitos rapinada ,
E firney toda a ama estudiantina .
Com o titulo de ave de rapina .

XXV.

O bem que direy dellas , he , que mente .
Aquelle , que de limpas as condena .
Pois no comer se vêm , he , tão somente ,
Hum carvaõ , hum cabello , ou huma penna :
Oh ! lembra-me huma vez , que meti dente
Numa pedra , mais era bem pequena .
Porém teve tal traça o bom do seixo .
Que me levou dois dentes deste queixo .

XXVI.

Estes os ganhos faõ , que me trouxeraõ .
As amas ; e além destes imagino ,
Que , depois que furtáraõ , e coméraõ ,
Me puzeraõ o nome de mosino :
Pois moço ! do dinheirõ , que lhe deraõ ,
Furta sem ley , sem conta , e sem ensino :
Diga-o eu , que ainda o meu não ha hum dia ,
Me rapou hum tostão de demazia .

XXVII.

Se hum homem come á noite huma sardinha,
A celada de rabo, a couve, o grelo,
Dá comsigo na casa da vizinha,
Sem outro intento mais, do que dizê-lo:
Em sendo necessário já caminha
De modo, que não he possível vê-lo,
E se o amo for homem, que dê brado,
Toma elle o appellido de Callado.

XXVIII.

Se acertou de encontrar baú aberto,
Ou se acolheo com chave, que lhe diga,
O que achou de comer, tenhaõ por certo,
Que se fechou com elle na barriga:
E se para algum acto, que está perto,
Se guardou lá dinheiro, e elle o lobergia,
Chama-lhe seu, e logo se despede
Em latim, porém contas não as pede.

XXIX.

Vejaõ, em que trabalhos, em que lida:
Fica o amo faltando-lhe o dinheiro:
Huns dizem, que o levou Joaõ das bebidas,
Outros, que se gastou no pasteleiro:
E apenas lá na terra saõ fabidas
Estas novas, o pay, sem que primeiro
Examine a verdade, de codilhe,
Prega baixa no soldo ao pobre filho.

XXX.

Até as dezastradas lavandeiras
Obraõ em nosso dâmino maravilhas,
Porque dando-lhe nós peças inteiras,
Restituem farrapos, e rodilhas:
Tres lenços, tres camizas das cazeiras,
Tres lançoes me fizeraõ em estilhas:
Resta agora vender estes bandalhos,
A quem tem nas figueiras espantalhos.

XXXI.

Tres pares de manguitos me leváraõ,
Que vieraõ depois feitos em nacos;
Dous de meyas, as quaes de lá voltáraõ,
Naõ meyas, porém chéas de buracos:

Em fim , por naõ cançar , até rasgáraõ
Huns bocaes de huns alforges com dous sacos ;
Já naõ ha , que esta gente me derrote ,
Senaõ chambre , baetas , e capote .

XXXII.

E que direy das tuas ? tão mal postas
Que quem debaixo acima se encaminha ,
Tras as coxas das pernas descompostas ,
E vem capaz de hum caldo de galinha :
Pois huma que lhe chamaõ Quebra-costas ?
Juro , que sempre foy sentaçao minha
Porque já huma vez este meu lombo
Deo nas suas escadas hum , bom lombo .

XXXIII.

E os aromas , que tem cada travessa ,
Almíscaras , algalias , e outros cheiros ?
Que buscando quartel , a toda a pressa ,
Se encaixaõ nos narizes paflageiros ;
A lama em toda a parte he tão espeça ,
Em vindo quatro dias de chuveiros ,
Que enchendo se os capatos desta praga ,
Me lembra allugar besta , que mos fraga .

XXXIV.

A'lém destas pensoens , e de hum milheiro ,
Que calo por ter paz com a Cidade ,
Aqui consome a gente o seu dinheiro ,
E o tempo mais feliz da mocidade :
Oh desejo fallaz , e lizongeiro
Do louvor , da sciencia , e dignidade ,
Que com fallacias , illusioens , e enganos ,
Nos trazes em gales por tantos annos !

XXXV.

Assigne agora algum divertimentos
Na terra , para quem tanto padece ;
Assignará geadas , chuvas , ventos
Tantos , que o Reyno de Eolo aqui parece ;
Assignará da ponte os vaons assentos ,
Onde o marão ocioso naõ falece ,
E na sua Britolanja os olhos prega ,
Mais vivos , que os de hum gato em huma adega .

XXXVI.

XXXVI.

Oh vil divertimento, o vil recreyo;
Indigno de humas contas ajustadas!
Que tias á fantaziā hum vivo enleyo
De serpentes lethaes envenenadas:
Profiro esta verdade com receyo;
Porque expondo-a na ponte, huas camaradas
Intentaraõ caçar-me, e indo eu fugindo,
Me valeo hum, que alli andá pedindo.

XXXVII.

Ir fóra a Santo Antonio, he causa clara,
Ser hum divertimento muito justo:
Santo Bendito! Se este nos faltára
Quem havia viver com tanto custo?
Se, quem vay visitar-vos, contemplára,
Quanto vê, que soffreó hum Deo Augusto.
Póde ser, que tivesse este tormento
De Coimbra por-feliz divertimento.

XXXVIII.

Desta maneira Amaro se queixava
Pelo muito, que em Coimbra padecia,
Atéque a roxa aurora já buscava
A chave, para abrir a porta ao dia:
Entaõ Morpheo escuro lhe fechava
Dos flatos animaes a estreita via,
E, prezos os sentidos desta forte,
Se entregou o queixozo ao irmão da morte.

F. I. M.

L I S B O A:

Na Officina de DOMINGOS GONSALVES.

MDCCLIV.

Com todas as licenças necessarias.

